

# O ESPECTRO.

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*

Horrido Espectro me tormenta em sonhos.

LISBOA 22 DE JANEIRO.

As noticias das provincias são todas favoráveis á causa popular.

✕ O Saldanha anda vagando pela Beira sem se atrever a encarar a cidade eterna. As suas tropas acham as terras despovoadas, e apenas ellas passam, as povoações insurgem-se e proclamam a junta do Porto.

No dia treze entrou uma força popular em Abrantes aonde tomou aos cabralistas uns 400 e tantos mil réis.

As forças populares da Guarda entraram em Castello-Branco. Ninguém reconhece o governo de Lisboa.

O general Povoas tomou o commando das Beiras, como annunciou o nosso correspondente do Porto. O *Diario* de hoje confirma esta noticia. Os realistas destas provincias uniram-se á junta do supremo governo do reino.

Do Minho transpiram as noticias mais satisfatorias. O governo tem tido novas de lá, e não as tem publicado. Em Traz-os-Montes reina o mais decidido enthusiasmo pela causa popular.

No Alemtêjo as forças absolutistas do Shwalback estão em grande apuro, e não tardará que sejam repellidas até Lisboa como ainda ha pouco o foram. O Algarve tem numerosos batalhões promptos a tomarem a offensiva.

Os povos do Alemtêjo prestaram-se com a melhor vontade a secundar a causa popular, e hostilizam abertamente os Cabraes. Isto confirma-se por um officio do barão de Estremoz que abaixo publicamos.

Pela seguinte carta do conde de Mello em data de 11 do corrente se conhece o verdadeiro estado daquellas provincias. Ei-la ahi:

«Hoje entraram nesta cidade (Evora) 11 peças de calibre 12 e 18, e mais de 2:000 balas que mandei vir de Monsaráz, e Mourão; devendo notar-se que os lavradores offereceram gratuitamente os seus carros, e bois, e o povo é que as veio escoltando até 5 legoas d'esta cidade aonde foi buscar a minha cavallaria sem que d'Elvas ou d'Estremoz se atrevesse sair alguém para disputar esta marcha. Quatro dias gastaram no caminho, e os valentões cabralis-

tas ficaram muito encolhidos vendo assim augmentar os meus meios de defeza.

«Tive hoje officios do Algarve. Alli tudo respira guerra: organisa-se como por encanto uma força de cavallaria; compram-se armas, equipam-se cavallos, alistam-se soldados, e faz-se um parque d'artilharia. Além de 6 batalhões que ha no Algarve, está-se formando um corpo de mil bayonetas, do qual já tem 500, e optimos officiaes. A minha divisão terá brevemente 4:000 homens, e os que já tenho estão bem armados, fardados e pagos em dia.

«O corpo do Galamba que tem officiaes de linha, e se compõe quasi todos d'antigos soldados, está um bellissimo regimento de cavallaria com optimos cavallos. O provisorio de cavallaria está lindo, e o de infantaria de apresentados, que passam já muito de 200 soldados, hoje estão todos uniformizados quando ainda ha dias se viam soldados da municipal, dos navaes, de caçadores, e de artilheria; e todos estes soldados são commandados por officiaes de linha.

«Os povos da provincia pedem uma leva em massa, e se eu assentar acceita-los terei immensos mil homens.

«Não se faz idéa de como o espirito publico está animado. — Entrou em todos a convicção de que é melhor fazer um esforço por uma vez do que pequenos sacrificios por vezes.

«Uns cabralistas d'opé de Moura armaram uma guerrilha de 20 cavallos, quizeram entrar em Moura, mas sendo perseguidos pelos patriotas d'alli, refugiaram-se n'um povo de Hespanha chamado — Gallego — e ahi os carabineiros hespanhoes desarmaram-os e levaram-lhes os cavallos, o que se attribue a novas ordens vindas de Madrid em consequencia de reclamações energicas do governo inglez.

«Foi á margem do Têjo uma força de guardas nacionaes de Portalegre de 50 homens debaixo do fogo dos cabralistas, apanharam um bote, e indo uns poucos á outra margem aonde os cabralistas tinham amarrado os barcos todos, os trouxeram para este lado aprisionando 1 homem, e ferindo 2.

«A minha cavallaria apreendeu na Venda do Duque o officio que remetto do Salazar Mes-

cozo, em que se vê a escacez em que estão de meios.»

Eis o officio :

«Cópia authentica. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Acusando haver recebido o seu officio com data de 5 do corrente, sobre o seu contheudo cumpre-me dizer a V. ex.<sup>a</sup> :

«Se V. ex.<sup>a</sup> tem instrucções do governo para occupar alguns dos dois pontos de Montemor-o-Novo ou Arraiolos, para maior facilidade das communicações com Lisboa, neste caso faze-hão todos os esforços para se conseguirem mantimentos. porém tenho a ponderar a V. ex.<sup>a</sup> que são escaços na actualidade, e apenas se poderão obter d'Elvas.

«Entendo pois que seria conveniente uma vez que não vá d'encontro ás instrucções que tinha para a occupação dos dois pontos referidos fazendo-se a nossa junção nesta villa por dois motivos, 1.<sup>o</sup> haver facilidade em mandar vir d'Elvas alguns generos, 2.<sup>o</sup> poder-se desarmar a guarda nacional de Portalegre e outras do mesmo districto; conseguindo isto não faltariam recursos, tanto de generos como outros que se precisarem, das menores povoações proximas desta villa, como Veiros, Souzel, Fronteira, Monforte, Borba, e Villa Viçosa, o que sendo em Arraiolos e Vimieiro, aquella por ter já dado mantimentos quando a columna de operações esteve em Evora, e esta por me constar não ser muito abundante de cereaes: á vista destas reflexões V. ex.<sup>a</sup> julgará se devo ir a Arraiolos ou esperar aqui a V. ex.<sup>a</sup>, na certeza que com o seu aviso obrarei como V. ex.<sup>a</sup> entender mais proficuo e vantajoso ao serviço de S. M. a rainha.—Deos guarde a V. ex.<sup>a</sup>—Quartel general em Estremoz 6 de Janeiro de 1847.—Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. visconde de Setubal.—(Assignado) *Barão d'Estremoz*, marechal de campo, commandante interino da 3.<sup>a</sup> divisão militar.»



A união dos portuguezes mortifica o governo. *Divide ut imperes* era uma boa maxima despotica que não póde realisar.

Miguelistas !!! Este nome significa muito quando o actual ministerio o quer desvirtuar. Sabemos o que elles são porque conhecemos as virtudes do Sousa Azevedo, D. Manoel e Farinho.

Mas em todos os partidos ha homens de bem e o governo faz mal em julgar todos os outros por si. Com esses homens de bem é que nós estamos unidos..

A guerra entre nós era boa para os projectos iniquos da côrte. Que importava que o sangue corresse? Com isso engordava ella.

A junção é um plano atroz! E' sim, porque é a morte prompta dos oppressores.

*Sois miguelista!* e com esta invocação pensavam vencer a guerra.

Agora ei-los-ahi estonteando sem saberem o que hão de dizer. N'um dia reina a junção, no no outro diz-se que os realistas não a querem. Uma pessoa muito fidedigna no Porto diz ao *Diario* em 10 do corrente que alli se davam vivas a Pedro 5.<sup>o</sup>—diz depois que se verificara a liga setembro-miguelina, e que sabe que as bazes desta liga são — «que para evitar interferencia estrangeira a bandeira alliada será a junta do Porto — que esta decretaria só em nome da nação — que a senhora D. Maria 2.<sup>a</sup> será des-thronada — que terminada a lucta, umas cores em que os miguelistas terão uma determinada representação, decidirão se a coroa deve ir a D. Pedro filho do ex-marquez de Loulé; — que os miguelistas tirarão o tope vermelho, e deporão a bandeira de D. Miguel, ao mesmo tempo.»

Óra eis-aqui a folha official a fornecer-nos documentos pelos quaes se prova que vai abatendo diante da junta a bandeira de D. Miguel. E estes documentos são de pessoa fidedigna. Tudo é provavel, segundo aquelle testemunho, menos a volta de D. Miguel.

A gente da situação está louca: não sabe o que ha de dizer! Cada folha do *Diario* é uma prova da sua demencia. Assim suprimiu elle o *Boletim de Braga* de 25 de Dezembro, no qual se votavam os abraços ao esquecimento, mas publicou o de 29, intimando-nos para o lermos e admirarmos!

Cumprimos as suas ordens — lêmos e admirámo-nos. Admiramo-nos da simpleza do bolitinista e do diarista, que publicam dois documentos contra-producentes, admiramo-nos do governo que deixa correr um artigo em que se injuriam todos os caracteres liberaes, em que se calunniam todos os esforços para collocar a rainha no throno, e em que se fazem alluzões insultuosas ás proprias pessoas dos actuaes ministros!

Lemos por tanto, e admiramo-nos: o paiz tambem se admirará connosco. Vamos habilita-lo para isso.

Diz o *Diario* :

«Digamo-lo por uma vez. — A origem dos «nossos males provem do erro de acreditarmos «verdadeiro amor pela liberdade em todos «quantos a tyrannia do usurpador sanguinariõ «levou á emigração — ao exilio — ao homisio «ou ao centro das masmorras.

«Quantos não arrebatou a torrente dos acontecimentos de 1828? Quantos o feroz systema de perseguição não incorporou nas fileiras «dã liberdade, que não só odiavam, mas até «a tinham combatido.»

Admirai-vos, pios leitores! Não vedes ali a mais pungente censura a todos as victimas da tyrinnia? Não vedes ali a insinuação de que o acrisolado amor da liberdade se achava refugiado no coração do intendente dos foros da

Ajuda Souza Azevedo, no aclamador de D. Miguel Farinho, e no vice-rei da India D. Manoel? Não vedes que até nem se poupa o proprio Saldanha que se incorporou nas fileiras da liberdade depois de a ter combattido, calcando aos pés em Villa Franca o laço azul e branco?

Vede agora como da penna do diarista sabem algumas verdades. Lede o que elle diz, e admirai-vos:

«Foi uma desgraça que o partido liberal recrutass no campo das atrocidades miguelistas nas . . . Não se perseguiram unicamente opiniões liberaes. Em o acreditar esteve o grande erro.»

Lestes isto? Pois agora admirai-vos. Foi sim uma desgraça que o partido liberal recrutasse no campo das atrocidades miguelistas os tres ministros actuaes. D. Miguel nunca perseguiu o Souza Azevedo por liberal, porque lhe fizera relevantes serviços sustentando os seus direitos contra os da rainha, e se incorreo a final no seu desagrado não foi senão porque o intendente dos foros os hia mettendo no seu bolsinho em lugar de os metter no thesouro. Souza Azevedo foi desattendido ou despresado por D. Miguel como pouco limpo de mãos. « Houve por tanto grande erro em o acreditar liberal. »

Se vistes as necedades do *Diario*, admirai agora as do boletim do Casal. Diz elle:

« A junta do Porto tinha feito persuadir á sua gente que o barão do Casal estava connivente com o Mac-Donell, e que todos estes preparativos eram manobra cabralista. Por outro lado Mac-Donell fazia saber aos seus que não lhes dêsse cuidado a divisão do barão do Casal, pois que elle o tinha fechado na mão— expressão de que elle usava frequentemente.»

Ora quereis saber o que daqui conclue o Mecenas do Casal? Conclue, nem mais nem menos, que o Mac-Donell estava de combinação comnosco. Verdade é que o Casal e o escocez dizem o contrario, no entanto destas asserções deriva o boletimista a nossa cumplicidade.

Preparai ainda a vossa attenção para lerdes e admirardes.

Achou o Casal uma correspondencia de Mac-Donell, da qual publicou duas cartas. Supponmos serem as menos interessantes porque aquelle cavalheiro tem a generosidade de não querer convencer os seus adversarios. No fim da publicação vem este curioso *Nota bene*.

« Muitos outros documentos de summa importancia, tendentes ao mesmo fim, existem no quartel general da *divisão fiel* de operações, os quaes se franquearão a quem desejar ve-los.»

Não vos admiraes? Pois eu vos conto o que houve.

Hontem foram quatro papalvos do batalhão da carta pedir guia ao commandante para irem ao quartel general da *divisão fiel* ver os sobre-

ditos documentos; e o commandante negou-lha por não saber onde ella estava. As povoações do Alemtejo e Algarve despovoam-se para o mesmo fim.

Ora não valia mais ter publicado estes documentos do que haver uma revolução para ir tão longe ve-los?

Assim habilitado exclama o boletimista desta sorte:

« A' vista pois dos immensos documentos apprehendidos nos archivos de Mac-Donell, quem poderá duvidar da connivencia e intelligencia, que tinha a junta e seus chefes com os traçoeiros planos dos sequazes do usurpador? »

Ninguem duvida de certo, e principalmente depois da leitura dos documentos. Nós vamos copiar trechos dessas importantes cartas, e pedimos desde já ao publico que não se ria da simplicidade dos escriptores ministeriaes. Isto nelles não é toleima, os homens estão comprados pela junta do Porto. Diz uma carta de Coimbra de 8 de Dezembro:

« General. . . . . Hoje aproveito o portador para novamente ponderar que se nós aqui ainda estamos socegados, é por falta de ordem de V. ex.ª, e só por falta de ordem porque apesar desta cidade estar fortificada, e de termos contra nós alguns outros elementos com que não contavamos nós poremos peito á empreza logo que V. ex.ª o ordenar.»

. . . . . « A junta de Lisboa recommenda-nos no seu ultimo expresso que tratemos de abrir a porta a uma transacção com os setembristas, mas recommenda ao mesmo tempo que nada se faça sem V. ex.ª ser ouvido e sem ordem sua. . . . . Advirto a V. ex.ª que com a demora correm aqui as nossas pessoas imminente risco; já hontem fomos avisados que se iam tomar medidas a nosso respeito, em virtude de uma circular deste governo civil aos administradores de concelho; e note V. ex.ª que se formos presos ficará muito mais difficil, e quasi inutilizado o movimento desta provincia.»

Ora ali fica um documento que em lugar de provar a cumplicidade e connivencia dos dois partidos, prova inteiramente o contrario. Agora vejamos uma carta do Porto dirigida ao mesmo Mac-Donell em 11 de Dezembro. Ei-la:

« Meu caro. . . . Rogo-te e recommendo-te que com esta falles ao sr. Mac-Donell, e o faças saber que se torna absolutamente necessario que S. ex.ª declare em proclamações, que nenhuma intelligencia tem com os seus chefes do governo de Lisboa, inclusivè Casal, Vinhaes etc. etc. porque o partido do governo tem espalhado aqui que a força real é disfarçada debaixo do nome de D. Miguel, e occultamente em relação com o Casal e Vinhaes, para difficultar as operações da junta do Porto; é necessario que conste aqui que a cavallaria e infantaria

« que tem vindo apresentar-se ao sr. Mac-Donell  
 « o tem feito por ser essa a opinião dos solda-  
 « dos, e tanto porque todos os apresentados são  
 « soldados que seguiram o rei até Évora; porque  
 « tem feito espalhar (e a maior parte da junta  
 « está disso persuadida) que o Casal e Vinhaes  
 « tem mandado infantaria e cavallaria ao sr. Mac-  
 « Donell a titulo de desertores ou apresentados,  
 « afim do sr. Mac-Donell não poder ser batido  
 « pelas forças do Porto. . . . É de primeira ne-  
 « cessidade destruir a idéa da intelligencia com  
 « o partido de Lisboa.»

Lestes as cartas? E agora que admiraes?

As cartas provam muito, e fazem prova ple-  
 na contra quem as produzio.

O *Diario* e o boletinista dizem que a junta  
 do Porto fazia espalhar que Mac-Donell era con-  
 nivente com o governo de Lisboa, e com o Vi-  
 nhaes e Casal:—o documento prova que quem  
 espalhava essa noticia eram os cabralistas, e que  
 a junta simplesmente a acreditava!!! O docu-  
 mento pois desmente formalmente os idiotas que  
 o apresentaram!!!

Ainda mais. Os amigos de Mac-Donell, que  
 desejavam negociar com a junta, pediam áquel-  
 le cabecilha que declarasse não estar de accor-  
 do com os cabraes e Casal—Mac-Donell rece-  
 beu as cartas, mas nunca fez tal declaração!!!

Agora admirai-vos da insipiencia com que se  
 produzem uns documentos que prejudicam a  
 causa do ministerio, e que favorecem a nossa.  
 O povo do Minho foi illudido pelo Mac-Donell,  
 e pelos cabralistas. Esse povo desenganado ac-  
 clamou a junta do Porto e arreou a bandeira de  
 D. Miguel. Só Mac-Donell ficou em campo com  
 a sua pessoa. Esse povo não adherio porque es-  
 tava de accordo. Assim o provam os documen-  
 tos, e elle não repellio a imputação.

Eis-ahi como a evidencia sahe das folhas do  
 governo que parece se encarregaram de susten-  
 tar a nossa causa. Agradecemos ao *Diario* as  
 provas que nos forneceu.



Os jornaes francezes continuam a moralisar  
 os negocios de Portugal, no mesmo sentido dos  
 extractos que d'elles temos dado. Para não es-  
 tarmos a copiar de todos, que seria quasi repe-  
 tir o mesmo, escolhemos a *Semana* de 3 do cor-  
 rente que n'um excellente artigo de *revista ex.*

*terior* sobre os negocios politicos do mundo,  
 se exprime assim a respeito de Portugal.

«A attitude d'este ministerio (falla do minis-  
 terio hespanhol) em presenca do que se passa  
 em Portugal, é mais do que equivocada. A jul-  
 gar dos seus sentimentos, e das suas intenções  
 pela linguagem dos seus órgãos, deveriamos  
 acredita-lo fautor da odiosa violação das leis de  
 que a rainha D. Maria se tornou culpada. Um  
 dos primeiros cuidados da opposição liberal se-  
 rá interpela-lo a este respeito, pedir-lhe severas  
 contas da sua indiscreta intervenção, inter-  
 venção cujo menor inconveniente seria aucto-  
 rizar a da Inglaterra n'um paiz, que se o dei-  
 xarem entregue a si mesmo, não pôde deixar  
 de se fazer justiça restabelecendo mesmo á cus-  
 ta d'uma rainha perjura, as instituições que  
 ninguem tinha direito de violar, uma vez que  
 o seu povo as respeitava.»

Mas a infatuação da côrte de Lisboa não se  
 modera. Nem ella já admira a ninguem. D.  
 Maria nunca acceitou francamente o regime  
 constitucional. Esta princesa de espirito mes-  
 quinho, de caracter teimoso, e caprichosa, pro-  
 testou sempre contra a abnegação que seu pai  
 fizera do seu poder absoluto. A conspiração do  
 Cabral para restaurar a carta de D. Pedro, foi  
 tida pela côrte como uma transição.

A rainha é verdade que prefere esta carta á  
 constituição popular de 1838; mas do que el-  
 la gosta mais é d'um poder sem exame; e a  
 insensata tentativa em que ella acaba de des-  
 penhar-se, violando todos os seus juramentos,  
 não tem outro fim real senão substituir este po-  
 der a outro que era limitado por leis liberaes.  
 Pôde ella conseguir-lo? Não é provavel. A luta  
 quanto mais se prolonga maior probabilidade  
 de triumpho promette á resistencia nacional. . . .

Como quer que seja apesar do cuidado arbi-  
 trario que teve a rainha D. Maria de suppri-  
 mir todos os jornaes, a verdade sempre appa-  
 rece, e sabe-se que as suas tropas não poderam  
 ainda fazer-se senhoras do Porto. A resistencia  
 nacional está forte e vigorosa em todo o paiz.  
 N'esta posição não é inutil que uma esquadra  
 ingleza esteja ancorada defronte de Lisboa prom-  
 pta a receber a seu bordo a côrte perjura, no  
 momento em que a colera do povo a obrigar  
 a fugir como seu unico recurso e como seu ul-  
 timo castigo.»